



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica," T. do Despacho, 16-Lisboa Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria,"

FÁTIMA — puríssimo raio de luz e de amor do Coração Imaculado de Maria

«A Rainha do Céu baixou à nossa terra — que desde o começo era dela: Terra de Santa Maria — e pôs o seu trono de misericórdia em Fátima, donde a todos mostra Jesus, o Salvador do mundo».

(Palavras do Em.^{mo} Senhor D. Manuel II, Cardinal Patriarca de Lisboa).

O mês de Setembro em Fátima

No formidável movimento de vaivém, tumultuoso e incessante, das grandes multidões que, durante a quadra mais bela do ano, acorrem, de toda a parte, ao recinto sagrado da Cova da Iria, há, todos os anos, no mês de Setembro, como que uma pequena pausa, uma suspensão brusca que facilmente se explica, caracterizada pela diminuição considerável do número de peregrinos.

De Maio a Agosto, Portugal inteiro vomita no vasto anfiteatro do local das aparições dezenas de milhares de peregrinos que vão pedir à Rainha dos Anjos, no seu santuário predilecto, doce lenitivo para os males físicos de que sofrem ou precioso conforto para as provações morais que os assoberbam.

Espectáculo admirável e sobremodo comovente!

No dia 13 de cada um desses meses vê-se e dir-se-ia que se apalpa a alma nobre e piedosa da Pátria, do velho e cristianíssimo Portugal doutras eras que, naquela nésga incomparável da serra de Aire tantas vezes santificada pela presença da Virgem sem mancha, dobra os joelhos, põe as mãos e franze os lábios, erguendo fervorosamente as suas preces para o Céu.

Todas as classes sociais confraternizam pelos seus representantes, ali, naquela estância bendita, junto do trono misericordioso de Nossa Senhora de Fátima, rivalizando nas homenagens de filial devoção a prestar-lhe e suplicando-lhe que guarde e proteja esta terra de que ela é a augusta e excelsa Padroeira e que se preza e afana de ser a gloriosa terra de Santa Maria.

No mês de Setembro, o fluxo e refluxo das peregrinações afrouxa e atenua-se sensivelmente, mercê do esforço extraordinário feito nos meses precedentes, graças à intensificação dos trabalhos agrícolas nesta época do ano e em virtude da preparação para a segunda das grandes peregrinações anuais, a peregrinação nacional de Outubro, destinada a comemorar o encerramento do ciclo das celestes aparições de Fátima.

É então, nesse mês de graças e de bênçãos, o mês por excelência do Santíssimo Rosário, que, pela segunda vez no ano, um vivo sentimento de amor e piedade faz vibrar de santo entusiasmo, até às fibras mais íntimas, o coração generoso de Portugal fidelíssimo, impelindo dos quatro pontos cardiais multidões sem número para o lugar abençoado que, sendo o centro geográfico do país, é, ao mesmo tempo, e será sempre, o seu polo moral e religioso.

O mês de Setembro em Fátima é, verdadeiramente, o átrio, o vestibulo, a antecâmara do mês de Outubro, que, há dezasseis anos, foi assinalado pela derradeira aparição da augusta Mãe de Deus aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel e pelo maravilhoso fenómeno solar predito pela Virgem e presenciado com assombro por uma multidão de cerca de setenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos, ainda os mais distantes, de Portugal.

Peregrinação diocesana de Vila Real

O facto culminante e mais digno de registro nas comemorações festivas do dia

treze de Setembro foi sem dúvida a parte activa e preponderante que nelas tomou a peregrinação diocesana de Vila Real de Trás-os-Montes.

Presidida por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, ilustre e venerando Prelado daquela diocese, que era acompanhado pelo seu jovem Bispo auxiliar o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. António Valente da Fonseca, recentemente elevado às honras do Episcopado, e organizada pelo grande pregador, rev.^{do} Luís de Azevedo Castelo Branco, sobrinho do célebre escritor, Camilo Castelo Branco, a peregrinação diocesana de Vila Real foi a mais numerosa de todas as peregrinações diocesanas que até hoje se tem efectuado ao Santuário Nacional de Fátima.

sala do capítulo do vetusto mosteiro, à luz pálida e mortiça do lampadário da Pátria.

Mons. Jerónimo do Amaral

Da peregrinação diocesana de Vila Real fazia parte entre outras pessoas de destaque o ilustre Vigário Geral da diocese, Ex.^{mo} Mons. dr. Jerónimo Teixeira de Figueiredo e Amaral, Protonotário Apostólico «ad instar participantium».

Respeitável pela sua idade, venerando pelas suas acrisoladas virtudes, benemérito pelos relevantes serviços prestados à causa da Santa Igreja na sua diocese, aliando aos mais peregrinos dotes de inteligência e de coração uma grande afabi-

sidida pelos seus párocos e precedidas dos seus estandartes, as peregrinações de Beja, Setúbal, Extremoz, Maxial, Tôrres Vedras, Serra de Tomar, Atouguia da Baleia e outras.

A de Setúbal, que se efectua todos os anos no mês de Setembro, foi promovida pela freguesia de S. Julião daquela cidade e era acompanhada por cinco sacerdotes, sendo um de Palmela e quatro da formosa princesa do Sado.

A da freguesia da Serra de Tomar, organizada e dirigida pelo seu zeloso pároco rev.^{do} José Dias Rodrigues, recebeu a bênção do Santíssimo Sacramento na igreja paroquial de Fátima por ocasião da sua chegada, às 6 horas da tarde, seguindo depois numa bem ordenada procissão, pa-

à face de todos, a sua crença firme e inabalável em todas as verdades reveladas por Deus e ensinadas pela Santa Igreja.

Lá ao longe, nas cidades do mundo, bramem raivosas as imprecações da descrença e rugem formidáveis as blasfémias e as vociferações da impiedade.

Aqui, na mística cidade da Virgem, milhares de peitos entoam um hino de fé, vibrante e entusiástico, como protesto veemente contra as negações impotentes do ateísmo e os vãos sarcasmos da incredulidade!

A adoração nocturna

A meia noite oficial foi exposto o Santíssimo Sacramento no altar-mor do Pavilhão dos doentes para a adoração dos fiéis.

Do lado da epístola estão quatro ilustres Prelados que vieram dar com a sua presença um realce extraordinário aos actos religiosos comemorativos do dia treze.

São os Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Vila Real e Superior Geral das Missões do Clero secular português, D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, D. José da Cruz Moreira Pinto, Bispo de Viseu, e D. António Valente da Fonseca, Bispo titular de Céramo e auxiliar de Vila Real.

Já dali, da varanda do Pavilhão dos doentes, tinham todos eles assistido ao desenvolver da procissão das velas, espectáculo sempre belo, sempre novo e sempre comovente, que os olhos jámais se cansam de contemplar.

Depois dalguns actos de desagravo a Jesus Sacramentado, feitos pelo rev.^{do} dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário Episcopal de Leiria e capelão-director das Associações de Servos e Servas de Nossa Senhora de Fátima, foi rezado o terço, expondo, em forma de meditação, nos intervalos das dezenas, os mistérios dolorosos do Rosário, o rev.^{do} Luiz de Azevedo Castelo Branco, organizador e pregador oficial da peregrinação diocesana de Vila Real.

A primeira hora, destinada à adoração e reparação nacional, prolongou-se até depois das duas horas, tendo tomado parte nela os peregrinos da diocese de Vila Real.

A esta hora de adoração seguiram-se outras para as peregrinações de Setúbal, Atouguia da Baleia e Serra de Tomar.

A piedosa velada nocturna, que durou até cerca das seis horas, terminou com o canto do *Tantum ergo* e a bênção do Santíssimo Sacramento.

Missa e bênção dos doentes

Desde alta madrugada os sacerdotes, que neste dia 13 eram em grande número, uns celebravam a santa missa e os outros ocupavam os confessionários preparando os homens e os rapazes para a grande Comunhão Geral da manhã.

As dez horas houve missa cantada, mandada celebrar por um devoto de Beja, sr. Manuel Guerreiro da Costa Branco, em cumprimento duma promessa.

Ao meio-dia, depois de rezado o terço em honra de Nossa Senhora defronte da capela das aparições, foi a veneranda



Grupo dos Rev.^{dos} Sacerdotes Superiores e Professores em alguns dos Seminários de Portugal, que de 4 a 11 de Setembro fizeram na Fátima os seus Exercícios Espirituais, pregados pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Viseu e P.^e Marinho.

tima, à excepção da de Leiria, que levou ali cerca de quarenta mil almas.

A peregrinação, composta de setecentas pessoas aproximadamente, partiu de Chaves na segunda-feira, 12, às 6 horas da manhã, em comboio especial, fazendo-se acompanhar de grande parte do clero da região e reunindo-se-lhe em Vila Real os dois venerandos Prelados da Diocese.

A maior parte dos membros desta peregrinação nunca tinham visitado o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, sendo por isso grandes e profundas as impressões que receberam e inolvidáveis as recordações que levaram da sua longa e piedosa romagem.

O comboio especial que conduziu os peregrinos a Fátima só regressou a Trás-os-Montes no dia 14, para que pudessem ver e admirar o templo e monumento da Batalha, comemorativo do heróico feito de Aljubarrota, o mais glorioso da nossa história, e visitar piedosamente o túmulo do soldado desconhecido, cujos restos mortais repousam na

lidade de trato, essa extraordinária figura de sacerdote que desfrutava de justo e inegalável prestígio em toda a região de Trás-os-Montes, impõe-se ao respeito e à admiração de crentes e descrentes como um modelo de abnegação, zelo e solicitude pastoral de todas as virtudes cívicas, morais e religiosas.

Outras peregrinações

Como guarda avançada da peregrinação do dia treze, chegou no dia 5 a Fátima um grupo de romeiros de Pico de Regalados da Arquidiocese de Braga.

O grupo era composto de cerca de sessenta pessoas e presidido por dois sacerdotes.

Os piedosos romeiros retiraram no dia 7 de manhã, depois de terem realizado colectivamente e com um fervor edificante os actos religiosos próprios das peregrinações.

No dia 12 à tarde fizeram a sua entrada solene no vasto recinto dos santuários pre-

ra a Cova da Iria. Veiu também a Fátima, a fim de tomar parte nas comemorações religiosas do dia 13, o Patronato de Santa Teresinha, de Tortozendo.

Compunha-se este grupo de piedosos romeiros de vinte e quatro educandas que eram acompanhadas por todas as suas professoras e pelos rev.^{dos} António dos Santos Figueiredo e José Alfredo da Cruz e Sousa.

A procissão das velas

As dez horas da noite, depois de rezado o terço em frente do altar do Pavilhão dos doentes, realizou-se a procissão das velas, que percorreu o itinerário do costume. A noite serena e aprazível, duma amenidade encantadora, concorreu sobremaneira para o bom êxito desta piedosa manifestação em honra da Virgem Santíssima.

Terminada a procissão, a grande massa dos peregrinos, em número dalguns milhares, reúne-se de novo diante do altar do Pavilhão e canta com fervor o Símbo- los dos Apóstolos, professando publicamente,

Imagem da Virgem conduzida processionalmente para o Pavilhão dos doentes.

Ali, no altar-mor da respectiva capela, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar de Vila Real celebrou a missa oficial, tendo o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal pregado ao Evangelho, dirigindo a palavra principalmente aos seus diocesanos.

Aos sacerdotes presentes lembrou que esta geração de levitas é destinada ao martírio, atentas as duas grandes forças que hoje se degladiam sobre a terra. É necessário que se preparem para ele e por isso recomenda-lhes a perfeita união com os seus Prelados e com a Santa Igreja. Ali devem fazer a Nossa Senhora a promessa de ler e meditar dois Breviários: o das horas canônicas e o das determinações do Concílio Plenário Português.

Dirigindo-se depois aos fiéis que quer que eles prometam sair dali desprezando as seduções da moda e com o propósito de cristianizar as festas de Portugal, não concorrendo, não subsidiando festas que não sejam feitas em conformidade com as instruções dos Senhores Bispos, que não descansarão, eles e os seus sucessores, enquanto Jesus Cristo não fôr entronizado, mas perfeitamente, nas festas que se realizem em terra portuguesa.

Refere-se ainda o sábio e piedosíssimo Prelado aos Seminários das missões e à devoção missionária, encarecendo a necessidade de todas as pessoas, incluindo as crianças, se inscreverem nas diversas associações missionárias.

Muito a propósito conta o caso dum Bispo que na sua diocese não favorecia as vocações missionárias com o fundamento da necessidade de clero para a sua diocese. Enquanto assim procedeu, o Seminário não tinha frequência, afluindo grande número de candidatos ao sacerdócio quando o Prelado mudou de atitude para com as missões.

fício pertencente ao Santuário e situado em frente da entrada da avenida central.

O rev.^{do} dr. Luiz Fischer

Não há de certo nenhum católico em Portugal que não conheça, ao menos de nome, este grande e infatigável apóstolo de Nossa Senhora de Fátima nos países de língua alemã.

O rev.^{do} dr. Luiz Fischer, lente da cadeira de História Eclesiástica na Faculdade de Teologia da Universidade de Bamberg (Baviera), tendo vindo há dois anos a Espanha, a fim de consultar os livros e os códices das suas bibliotecas e, ouvindo ali falar do Santuário de Fátima, resolveu não regressar ao seu país sem fazer primeiro uma breve visita a esse célebre Santuário.

Tendo estado em Fátima no dia 13 de Maio, onde presenciou as grandes manifestações de fé e piedade que nesse dia ali se desenrolaram com o maior esplendor e magnificência, reuniu, alguns meses depois, as suas notas e impressões num livro admirável, que foi vertido e publicado em português, numa primorosa tradução, pelo rev.^{do} dr. Sebastião da Costa Brites, pároco da Sé Catedral de Leiria.

Todos os leitores da «Voz da Fátima» se deliciaram já com a leitura da primorosa joia literária que é «Fátima, a Lourdes Portuguesa».

Mas, não satisfeito com a publicação desse valioso subsídio para a história das maravilhas de Fátima, o sábio e piedoso escritor, ainda há poucos meses, a propósito da Carta Pastoral, «a Providência Divina», em que o venerando Prelado de Leiria declara como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria e permite oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima, nos deu uma nova e não menos bela e valiosa produção literária.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Surdéz

Venho pedir a publicação de uma grande graça que Nossa Senhora fez a um do meus filhos: — Ficando surdo, por uma grande constipação que teve, fui com ele ao médico que me disse que meu filho precisava de ser operado no nariz o que só depois da operação ficaria bem.

Fêz-se a operação, e ficou bem por algum tempo, mas pouco depois voltou a surdez. Corri novamente aos médicos especialistas que me disseram que a primeira operação tinha sido mal feita e que necessitava duma outra. Com muito sacrifício fêz o pequeno segunda operação. Senti-se um pouco melhor mas durante pouco tempo. Voltei-me então para Nossa Senhora da Fátima.

Comecei a rezar o rosário durante nove dias e durante esses nove dias tive uma Imagem de Nossa Senhora aluminda e ofereci-lhe um fio de ouro que ele tinha trazido ao pescoço quando pequeno e prometi publicar a graça da cura se a Boa Mãe do Céu ouvisse as minhas súplicas. Nossa Senhora atendeu-me e hoje venho cumprir e agradecer a Nossa Senhora.

Figueira da Foz

Albertina Correia

Cegueira

Venho por este meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima a grande graça que concedeu a meu filho Artur Amaral de 5 anos de idade. Já tinha sido declarado incurável, por 3 médicos. Uma vizinha mandou-me umas gotas de água da Senhora da Fátima, água que lhe dei a beber e com que lhe lavei os olhos porque o meu filho estava cego. Coisa admirável: momentos depois de ser aplicada a água o ceguinho começou a ver!

Eu Maria P. Amaral e meu marido João Amaral — seus pais, com toda a família agradecemos a Nossa Senhora da Fátima a grande graça.

East Providence — América.

Tuberculose

Fui visitar Nossa Senhora da Fátima, e quando cheguei a casa fiquei muito desgostosa, porque meu filho Manuel de Carvalho, doente até ali, estava agora a deitar sangue pela boca. Tratou-se com alguns médicos mas não alcançava melhoras. Primeiramente trataram-no dum pulmão; em segundo lugar procuramos tratar-lhe do coração e por fim os intestinos tiveram também o seu tratamento próprio. Mas o mal continuava e já me dizia que meu filho estava tuberculoso.

Pedi a Nossa Senhora que abençoasse a medicina para saúde do meu Filho de 11 anos de idade. Prometi-lhe de o levar a Fátima logo que as melhoras se sentissem. Hoje, graças à Santíssima Virgem, já se acha com saúde.

Nunca poderei agradecer tantas graças que por sua intercessão tenho alcançado, pois foi Ela quem me curou.

Ventoso Bêco — Ferreira de Zezere.

Maria Rosa Freitas

Graças de N. S. da Fátima em Valega

I

Em Março de 1931, o Sr. P. Domingos José dos Reis, então pároco de Valega, concelho de Ovar, adoeceu gravemente, sendo empregados em seu favor todos os recursos da medicina. Já não sentia a última injeção, que se lhe podia aplicar em caso tão desesperado; irmãos e sobrinhos, acercando-se do enfermo esperavam o próximo passamento! até por fora, já se dizia que tinha expirado. Duas zeladoras do S. C. de Jesus e filhas de Maria, sem uma se entender com a outra e quasi no mesmo momento, como depois se verificou, em acção de graças, prometeram a Nossa Senhora da Fátima fazer-se uma peregrinação ao seu Santuário, acrescentando uma delas, o rezar-se o rosário e via-sacra em viagem e lá rezar-se o terço e haver missa celebrada pelo referido doente, se este recuperasse a saúde, e apesar dos seus 71 anos, possesse continuar a exercer o seu sagrado ministério,

«Aqui, pondo de parte as tentações mundanas que se ofereciam como panacea para o seu sofrimento, vimo-lo seguir uma vida de recluso, de estudante, de modesto católico. Assistia à missa paroquial, como o mais simples cidadão, confessava-se ao padre desta igreja, e ajoelhava-se com os demais para receber, com recolhida piedade, esse Deus que morreu para redimir os príncipes e o povo.

«Quem poderá falar das horas que passou, a sós, com os seus pensamentos? Com as recordações de dores sofridas, de ambições legítimas esmagadas e saudades dos da sua raça e da sua Pátria? Os padres a quem ele confiava os seus pensamentos não podem ainda que o de-

Nossa Senhora da Fátima atendeu seus pedidos. E por isso com grande satisfação foram cumpridos o seu voto, tomando parte nas procissões as filhas de Maria, zeladoras e zeladoras do S. C. de Jesus, muitas outras pessoas da freguesia e outras limitrofes, levando na frente a bandeira de N. S. da Fátima, no dia 13 de Maio de 1932.

II

Glória da Piedade, natural e residente na freguesia de Valega, concelho de Ovar, vem pedir o favor de publicar na «Voz da Fátima» uma cura por intervenção de N. S. S., pela qual se confessava imensamente reconhecida a Nossa Senhora. Dera à luz uma criança e ficara bem; mas passadas horas, sobrevieram-lhe uns ataques, que a deixavam como morta, sem ver, nem ouvir, nem falar.

Chamado o pároco e o médico a toda a pressa, este disse que se os ataques se repetissem, aprontassem o que devia levar para a sepultura, e se sobreviesse, ficaria doída. Os ataques continuaram a repetir-se durante três dias e três noites, a ponto de todos se admirarem de ser possível o viver.

Foi então que a família e amigos invocaram Nossa Senhora da Fátima.

Molhando os olhos e lábios da doente com água e colocando-lhe a medalha ao pescoço, prometeram, se N. S. S. lhe restituísse a saúde, pedir esmola pela freguesia e entregar o produto para as obras do Santuário, indo em peregrinação a mãe e o filho. Graças mil à Mãe do Céu! Dentro em pouco a doente abre os olhos e começa a articular palavras melhorando rapidamente até que hoje acha-se completamente sã. Muito agradecida cumpre o seu voto.

Agradecimento, glória e louvor a Nossa Senhora da Fátima!

Valega

P. Domingos José dos Reis

Agradecimento a Nossa Senhora

Cheia de gratidão para com a Mãe de Deus, Maria Santíssima, venho cumprir a minha promessa de agradecer na «Voz da Fátima» a grande graça que Nossa Senhora se dignou conceder-me: a cura de um grande erisipélio que me obrigou a estar umas semanas de cama.

Senti-me muitas vezes tão mal que me parecia a cada instante que a vida desaparecia. Recorri à Virgem Santíssima que me acudisse em tão grande aflição, graça que Nossa Senhora foi servida conceder-me, assim como outras graças que me tem dispensado, e que eu do coração lhe agradeço.

Portalegre

Dália de Jesus Mamão Morgalho

Doença nervosa

Em 1917, quando a pneumónica devastava uma grande parte da população de Portugal eu, cá de casa; e como se apoderasse de mim o horror da morte, apanhei uma terrível doença nervosa, que no meu entender não há pior, pois cheguei a pensar em pôr termo à existência, visto não encontrar remédio para tal doença. Apesar de ter consultado vários médicos da Capital e de fóra, bem como vários «curandeiros» que várias pessoas me indicaram, andei assim até Outubro de 1927 não conseguindo encontrar remédio para lenitivo do meu mal. Aproveitando a licença que anualmente me é concedida, bem como o ensino do médico que ultimamente me tratava, fui passar esta licença a Maíra. Uma vez ali, como a doença ainda mais se me agravasse, aconselharam-me, algumas pessoas de Fé, a que eu procurasse remédio para a minha doença em «Nossa Senhora da Fátima», pois só ela certamente me podia curar, visto os médicos serem impotentes para isso. Como não era crente nem descrente em religião alguma naquela data, foi difícil convencêrem-se a tomar tal resolução, acedendo por fim, visto que desejava experimentar por ser este o último recurso que me restava. Prometi, então, a Nossa Senhora da Fátima se ela me curasse, fazer-lhe uma visita durante cinco anos seguidos e dar-lhe uma certa esmola e

sejem, revelá-los. Bastará afirmar que na verdade, era assim que essa alma sofria, e que os anos não puderam mitigar essa dor constante, nem alimentar qualquer esperança na vida. Pode ser — quem sabe? — que este estado de espírito apressasse a sua morte. Todavia, a sua inabalável fé em Deus e na igreja católica acompanharam-no sempre até ao fim. A Casa de Bragança, que tantas paginas brilhantes escreveu na história da Europa morre com um padrão de fé triunfante, dominando a dor, que representa uma das paginas mais brilhantes dessa história. Que o último príncipe dessa nobre Casa descanse em paz!

além disso fazer publicar a graça que me fosse concedida.

Tenho feito isto todos os anos, terminando esta promessa em 13 de Maio corrente. Cumprido com rigor todas as minhas promessas pois só ali encontrei a verdadeira cura, graças a S. S. Virgem, bem como as de minha mulher que tanto padecera pela minha cura, o que julgo ter sido ela a atendida visto ser muito devota e dedicada à mesma Rainha dos Céus.

Actualmente não possuo ainda a verdadeira fé, apesar da graça maravilhosa que desde o 1.º dia em que fui a Fátima se apoderou de mim, pelo que peço a N. S. Senhora me perdoe e me illustre o espírito com a luz da fé se disso me julgar merecedor.

Lisboa — Campo de Santa Clara, 55. 4.º Dt.

Martinho Cândido

Quisto

Humildemente prostrado aos pés de N. S. Sr.ª da Fátima venho agradecer-lhe uma grande graça relatando o seguinte. Apareceu-me um quisto na garganta sendo eu ainda criança. Meus pais não compreenderam a gravidade do mal, mas à medida que eu ia crescendo o meu mal ia agravando-se cada vez mais.

Fiz tanto pela minha saúde, que me internei no hospital de S. José em Lisboa para ser operada. Os médicos declararam-me que visto o mal ser já tão antigo poderia reaparecer-me e seria então necessário sugeitar-me a segunda operação. De facto reapareceu o meu mal, mas à operação é que me não atrevi a sujeitar-me. Recorri fervorosamente à Mãe Celeste Senhora da Fátima que não esperou que eu lhe terminasse uma novena, porque ao fim de três dias estava curada.

Já lá vão três anos depois desta graça e encontro-me perfeitamente boa. Peço-lhe, pois, mais uma vez, se digno publicar esta grande graça na «Voz da Fátima» para honrar e glorificar Jesus e Maria Santíssima sua e Nossa Mãe bendita.

Ilhavo

Maria Serrão de Castro Magano

Crupe

Venho prestar o meu grande reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima publicando uma grande graça que Ela me fez:

— Minha filha, de 3 anos de idade, esteve gravemente doente com a terrível doença, chamada «Crupe». Tinha fortes acessos de falta de ar, ficava completamente rixa, rebojava-se pela cama, numa aflição terrível. Eu receava que numa dessas ocasiões minha filhinha morresse; invoquei então N. S. S. da Fátima com muito fervor, pedindo-lhe, não só a cura do seu mal como também para que essa molestia não contaminasse os meus outros dois filhos. N. S. S. da Fátima quiz ouvir-me alcançando-me tam grande graça: — Minha filha num prazo de 15 dias ficou boa e os outros nada tiveram.

Recife — Pernambuco

Olivia Teixeira Reis de Sousa

Pleurisia

No dia 15 de Outubro de 1930 dei entrada no hospital de Santa Marta, em Lisboa com uma pleurisia purulenta, no lado direito.

Estive 3 meses na enfermaria do Sr. Doutor Polido Valente, tratado pelos assistentes, Srs. Doutores Camacho e Raúl de Sá. No fim dos 3 meses, sentindo algumas melhoras, pedi para me deixarem sair do hospital, mas o director Sr. Doutor Polido Valente não queria deixar-me sair por ter ainda um bo-cadinho de febre. Por fim dizendo eu que iria para a Beira-Alta, minha terra natal consegui deixarem-me sair. Passados 2 dias depois de chegar à minha terra, comecei logo a sentir-me muito mal não podendo andar tendo por isso de voltar novamente ao médico. Fui ao Sr. Doutor António Augusto dos Santos, de Mangualde. Disse-me que a sua opinião era que fosse para um sanatório.

Fiquei muito desanimada. Quis ainda conhecer a opinião de outro médico e fui ao Sr. Doutor António da Costa Pais, de Viseu, com quem me tratei muito tempo. Mas não encontrando melhoras e vendo-me já sem recursos, recorri a Nossa Senhora da Fátima, ao seu Patrocínio e junto fiz uma novena, tomando umas gotinhas da sua água milagrosa. Passado algum tempo voltei ao mesmo médico, que ficou admiradíssimo de me ver tão rápida e completamente curada. Como já há um ano que me encontro boa, já fui a Fátima, agradecer à Virgem Mãe do Céu, a grande graça que me concedeu. E para maior honra venho publicá-la no seu jornalzinho.

Córga — Beira Alta

Maria da Conceição Andrada

Lesão cardíaca

Em 1915, meu pai João Manuel Afonso Gonçalves foi atacado de uma pneumonia-dupla. Como consequência dessa



O Senhor Bispo Coadjutor de Vila Real celebrando a missa dos doentes. Assistem à Santa Missa os Ex.^{mos} Prelados de Leiria, Vila Real e Viseu.

Depois da missa, o Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real deu a bênção eucarística a cada um dos doentes, sendo acompanhado nessa tocante cerimónia pelos outros Ex.^{mos} Prelados.

Pegava à umbela o sr. dr. António Lino Neto, ilustre presidente do Centro Católico Português, e levava uma das lanternas o rev.^{do} dr. Luiz Fischer, professor catedrático na Universidade de Bamberg.

Depois da bênção dos doentes, foi cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral a todos os fiéis.

Em seguida, os venerandos Prelados benzeram os objectos religiosos que os peregrinos tinham consigo e que ainda não haviam sido benzidos e por último abençoaram todo o povo.

Após vários avisos, feitos pelo rev.^{do} dr. Manuel Marques dos Santos por meio do microfone, a Imagem de Nossa Senhora foi reconduzida para a capela das aparições, onde se rezou o acto de consagração à Santíssima Virgem, começando em seguida a dispersão dos peregrinos.

Imediatamente antes da recondução da Imagem, o Senhor Bispo de Leiria rezou com os fiéis por intenção do Sumo Pontífice, dos Senhores Bispos presentes e pelas suas dioceses e por algumas outras intenções.

As comunhões foram aproximadamente 5.000.

O número de doentes foi de 128, sendo 47 homens e 81 mulheres, tendo sido hospitalizados 2 homens e 11 mulheres.

Entre os médicos que visitaram o Posto das verificações médicas, instalado no Albergue de Nossa Senhora de Fátima, contam-se os srs. drs. Alexandre Correia de Lemos, de Francoeira, Ferreira do Zezere, e Luís Monteiro da Costa Soares, tenente-coronel médico, sub-director do Hospital Militar da Estréla, de Lisboa. Este ilustre clínico, apesar da fadiga da viagem, apresentou-se no Posto às primeiras horas da noite do dia 12, oferecendo os seus serviços profissionais aos doentes pobres.

Nos dias 12 e 13 funcionou em benefício dos peregrinos o novo posto telegráfico-telefónico-postal instalado num edi-

igualmente traduzida, em vernáculo pelo rev.^{do} dr. Sebastião da Costa Brites e subordinada ao título de «Fátima, à luz da autoridade eclesiástica».

No dia 11 do corrente mês, pelas 8 horas da manhã, o ilustre professor universitário alemão, depois de ter atrevesado em caminho de ferro a Europa Ocidental e de ter embarcado em Bolonha no «Sierra Nevada» com rumo a Portugal, entrava no porto de Lisboa, seguindo no Domingo à tarde pela linha de Oeste para Leiria e na segunda-feira de automóvel de manhã para Fátima, a terra dos seus encantos.

O rev.^{do} dr. Luís Fischer tenciona demorar-se dois meses no nosso país, onde veiu colher os elementos necessários para o seu livro em preparação «As aparições de Nossa Senhora de Fátima».

Que Deus lhe prolongue a preciosa vida e lhe dê a saúde e forças de que carece para continuar a ser o apóstolo de Nossa Senhora de Fátima, zeloso e indefesso na propaganda do seu culto, e a mimosar-nos com as produções admiráveis da sua inteligência privilegiada e do seu piedosíssimo coração!

Visconde de Montelo

Um Rei Cristão

A alocação do pároco de Twickenham, ao anunciar o falecimento do Senhor D. Manuel

O rev. O'Brien, pároco de Twickenham amigo e confessor do senhor D. Manuel de Bragança, ao anunciar aos fiéis, congregados na igreja de S. Jaime, o falecimento do rei de Portugal, teve para a memória deste estas sentidas palavras.

«Veio para nós ainda quasi imberbe, esmagado sob o peso da dupla tragédia que sofreu, antes mesmo de perder o trono. Herdeiro de elevadas e nobres tradições, encentou uma nova vida num país estrangeiro, onde a maioria do povo mal conhecia a sua Pátria e desprezava a sua Fé.

doença, ficou-lhe uma lesão cardíaca, cujo primeiro ataque se lhe manifestou nos primeiros dias da convalescença. Foi seu assistente o Sr. Dr. António Gonçalves Rapazote, de Bragança, que, applicando-lhe a terapêutica aconselhada pela medicina recomendou que, quando os ataques lhe sobreviessem, se lhe friccionasse também fortemente o peito a fim de reanimar o coração. Assim sofreu, com ataques successivos durante cerca de 10 anos, chegando por vezes a perder os sentidos. Um dia, vendo no jornal de Nossa Senhora da Fátima as miraculosas graças que a Mãe Santíssima concedia aos que sofrem, mandei vir água da fonte maravilhosa. Com fé a bebi e se recomendou à protecção da Virgem. Nunca mais sofreu os perigosos ataques ficando pois a louvar a Deus e Sua Santíssima Mãe por tão grande graça.

Vinhais.

Cremilde da Glória Gonçalves

Eczema

A mesma Senhora diz o seguinte: Na mesma occasião, uma sua filha e minha irmã Ana Augusta Gonçalves, que vinha sofrendo, há mais de 12 anos, de um terrível «eczema» que começando por uma perna, lhe invadia já quasi todo o corpo, tornando-se verdadeiramente affitivo, principalmente entre os dedos das mãos, que não podia meter na água, vendo que os medicamentos e recursos médicos lhe não valiam, chegando mesmo, um dos médicos que a tratava nos últimos tempos, o Sr. Dr. Alípio Albano de Abreu, de Bragança, a prevenir a familia de que o mal não tinha cura e que o futuro apezar de meros paleativos farmacologicos viria a ser dolorosamente fatal preparou-se durante uma novena com orações e o terço de Nossa Senhora da Fátima, lavando as feridas, que penetravam já até aos ossos, com a água miraculosa da Virgem.

Poucos dias depois, feita uma pequena oferta a Nossa Senhora, viu-se com as feridas completamente cicatrizadas, nunca mais sofrendo de tão terrível doença. A ama que a amamentara quando criança, morrera completamente minada por tão doloroso mal.

Vinhais.

Cremilde da Glória Gonçalves

Tumores nas acillas

Ao mesmo tempo, eu, que estava sofrendo de dolorosissimos tumores acillares, que há mais de meio ano me apareciam todos os meses, consultados varios médicos, como o Sr. Dr. Alvaro Leite, de Vinhais, que foi de opinião ser tal doença proveniente de uma enterite que me ficara depois de uma penosa febre tifóide, animada de grande fé e confiança na bondade infinita de N.ª Senhora da Fátima, ao saber que meu pai tinha mandado vir água miraculosa e que já se encontrava na estação do correio, orei a N.ª Senhora, e nessa mesma occasião, antes mesmo da água ter chegado a casa, os tumores supuraram espontaneamente deixando-me uma grande alivio. Lavei no dia immediato as feridas com água de N.ª S.ª as quais logo me cicatrizaram e nunca mais me appareceu tal doença.

Por tantas graças fiquei eu e toda a minha familia louvando N.ª S.ª da Fátima, à qual nos recomendamos diariamente com o seu terço pedindo-lhe nos continue a amparar com a sua Protecção oferecendo-me, em prova de gratidão, para tudo como sua filha e zeladora.

Vinhais

Cremilde da Glória Gonçalves

Graças diversas

— Rosa da Rocha, de Valbom, Gondomar, agradece a N.ª Senhora diversas graças temporais alcançadas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— Maria de Almeida Pestana, Valega, agradece a cura de ataques estêrnicos que frequentes vezes a atormentavam.

— Maria do Rosário Jorge, Praia do Almojarife, Açores, agradece a Nossa Senhora uma graça espirital em favor de seu pai pouco antes de expirar.

Morreu depois de recebidos os sacramentos, graça que se atribui a N.ª S.ª da Fátima que no leito da morte o dispôs para isso.

— Maria Irene Guerra de Andrade Costa Brego, R. de Brito Capelo 246 Matozinhos, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura alcançada para sua filha que diz estivera muito mal.

— Maria do Carmo Amorim de Queiroz Pinto Montenegro, de Marco de Canavezes, agradece a N.ª Senhora a cura de um eczema de que soffria, diz, há mais de vinte anos.

— Henrique Leal, de Fontelas, agradece a N.ª Senhora o auxilio prestado a um seu vizinho, que por ter espetado num pé uma agulha de costura suportou gravissimos padecimentos.

— João Maria da Fonseca, Lourenço Marques, sofrendo de bilis, agradece a N.ª S.ª a sua cura, de que soffria horrivelmente.

— Rosa de Jesus, Calçada de Santana

Lisboa, agradece a Nossa Senhora a sua cura duma doença muito incómoda.

— Agradeço reconhecidamente a Nossa Senhora-da Fátima, diversas graças que dela alcancei. Figueirosa, S. Pedro do Sul, Maria Carolina de Almeida.

— Maria Branco, de Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças que por ela alcançou.

— Carolina Serrano de Sousa, do Vale de Santarém, agradece a N.ª S.ª da Fátima diversas graças concedidas a si própria e a pessoas da sua familia.

— Mariana Castro Pereira, de Angra do Heroísmo, agradece a Nossa Senhora três graças que lhe foram concedidas.

— Rosa Lopes Varela, de Aviz, agradece a N.ª Senhora diversas graças que dela tem recebido em seu favor e em favor de outras pessoas de sua familia.

— Luiz de Oliveira, de Lourais—Colmeias, agradece a N.ª Senhora diversas graças temporais.

— Emília da Conceição, de Lisboa, tendo implorado uma graça tão necessária e tendo-a alcançado, agradece a N.ª Senhora da Fátima, e com a maior gratidão a publica no seu jornal «Voz da Fátima» como prometeu.

— Laura Ferreira, de Paço de Sousa, agradece a N.ª Senhora a cura de uma bronchite asmatica que, rebelde a todos os medicamentos, a atormentou durante 19 anos. Por fim, começou uma novena a N.ª S.ª da Fátima, e durante ela senti-se rapidamente curada.

— Eglantina Vergas Rocha de Matos, agradece a Nossa Senhora a cura de sua filha Maria Leonor, bem como outras graças que de Nossa Senhora alcançou.

— Maria Emília da Silva Santos Gonçalves, de Almeirim, agradece uma graça particular, alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Maria da Conceição, de S. Tiago da Guarda, agradece a Nossa Senhora o desaparecimento de horribes dores que continuamente a atormentavam. Assim doente, foi a Fátima, livrou-se lá com a água do Santuário, e, diz, de então até hoje, nunca mais sentiu as suas dores.

— João Lucas Moreira, da Mata do Rei, — Alcanede, agradece a Nossa Senhora uma graça que por sua intercessão recebeu do Céu.

— Maria das Dóres Marques, do Bário, — Cela, agradece a Nossa Senhora a cura de um grande soffrimento do estômago de que há muito tempo soffria continuamente.

Alguns favores

- 1.º — levar só um jornal para cada casa.
- 2.º — Mudar de direcção o menor número de vezes possível.
- 3.º — enviar sempre o número da assinatura quando for necessário fazer-se qualquer mudança nas direcções.
- 4.º — auxiliar as grandes despezas deste jornal com as vossas generosas esmolas.

UMA VINGANÇA

«Então, que é que teu pai te disse? — Disse que não me dava licença. O bom do sacerdote ficou pasmado: Que é que tu me dizes, Augusto? Não te dá licença? Ora aí está uma coisa que nem pela cabeça me passou! — Mas é verdade!...»

O venerando sacerdote mirava e remirava a criança... Boa presença, alma aberta e franca... mas sobretudo uma joia de coração e firmeza de vontade...

Este Augusto, que só tinha quatorze anos, era um rapaz que prometia...

A pároco voltou a perguntar: «Ora vamos lá, em que termos falou teu pai? Que palavras te disse?»

A criança, depois de se recolher um pouco a pôr em ordem as suas reminiscências, respondeu:

«Disse-me assim: Tu queres ir para o Seminário para seres padre?... Pois não vais! Depois repetiu: «ouviste bem: não vais!» Ah! «este não vais» sinto-o cá ainda a ferveilhar nos ouvidos!

— E disse-te só isso?

— Não, senhor prior. Disse mais o seguinte: «Tenho também os teus dois irmãos, Felix e Jaime e a tua irmã Maria para mandar educar. Tu serás carpinteiro como eu e irás trabalhar para a officina!»

— Podia ter sido menos rispido! E tu que respondeste?

— Que é que lhe respondi? Foi assim: «ah! o pai não quer deixar-me ir para o Seminário? Pois fique certo que vou vingar-me!»

— Tu disste-lhe isso?

— Disse, sim, senhor prior.

— Sim, mas tu não fazes nada disso, porque isso não é modo de pensar de quem aspira a ser sacerdote.

Augusto voltou para o seu pároco aquelles dois olhos negros, onde se lia a decisão e replicou:

«Disse e faço-o».

— Isso é que é mau! E dito isto despediram-se.

O Augusto lá se foi a ruminar a sua vingança e apressadamente procurava subir a encosta no cimo da qual está uma estátua de Maria.

Junto ao monumento estende-se um largo e formoso panorama. O Augusto contempla mais uma vez esta admirável paisagem que tantas vezes o tinha entusiasmado. Depois lançando as vistas para o lado da cidade episcopal que dorme lá em baixo, atraz das colinas, saúda de longe o Seminário, essa terra da promessa que ella talvez nunca lograsse disfrutar... Ele tinha escrito ao Sr. Reitor e o seu lugar estava reservado mas... iria ficar vazio...

E no entanto, que grande necessidade havia de sacerdotes na diocese!... Augusto conta as torres das igrejas que daí se descortinam... duas, três, cinco, sete... que magnifico campo de evangelisação!...

Nestas férteis planicies, nestes vales apraziveis, nas cidades, nas aldeias... quantas almas se perdem por falta de sacerdotes!...

Tinha sonhado que havia de ser um deles... e lá se vai esse belo sonho pela água abaixo, desvanecido como fumo.

— Fumo? Não, não pode ser. E levantando a voz a toda a altura da sua idade de criança, repete:

«Hei de vingar-me!»

Lançando-se depois de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora, rezou assim:

«Mãe do Céu, Rainha dos Sacerdotes, ajudai-me a realizar esta minha vingança!»

Augusto, certo de que a sua extranha oração ia ser atendida, deixa aquele planalto, desce rápido a encosta e segue para a casa paterna.

Passados alguns dias, o bom pároco, inquieto com as disposições de Augusto, vai, sob qualquer pretexto, à officina do carpinteiro. Sabia que o pequeno tinha um temperamento resolutivo e estava a temer a tal famosa vingança.

- Bom dia, sr. Baptista.
- Bom dia, sr. Prior.
- Venho pedir-lhe o favor de me ir colar novamente uma gaveta do aparador da casa de jantar.
- As suas ordens.
- E, como vai isto por cá, sr. Baptista?
- Tudo muito bem, sr. Prior.
- O Augusto trabalha?
- Como um anjo, se é que os anjos trabalham, respondeu vindo o bom do homem. Nunca imaginei que elle se amoldasse tão depressa, nem... tão alegremente, ao serviço!
- Ah! Ah! exclamou o Sacerdote, então éle tem goito?
- Esplêndido! É inteligente e brioso!
- E o pai sublinhava esta frase com um certo orgulho.
- «Mas à noite, depois do trabalho, lê, ou o que faz elle?»
- Nada disso, sr. Prior! Brinca com o irmão Felix, aquele que anda sempre com elle e que, como V.ª Rev.ª sabe, anda aí pelos treze anos... um brincalhão!
- Sim, sim; bem conheço. Aprende ótimalmente o catecismo!
- O pai, todo lisonjeado, continuou:
- É verdade, sr. Prior, o Augusto e o Felix são dois inseparáveis. A tarde brincam, ao domingo passeiam, nunca questionam; estou encantado.
- Ora isso é que é uma coisa ótima! Adeus Baptista...
- Adeus, senhor prior, e sempre ao seu dispor! Logo que possa por lá passarei para lhe concertar o aparador.
- Está dito.

O sacerdote afastou-se mas ia triste: «Augusto, que parecia ter abandonado tudo para ir para o Seminário, é agora um bom aprendiz... amigo de brincar... não abre um livro...»

E a vingança ao avesso. Quando eu o vir, quero saber o caso a sério e tirar daqui o sentido...

E o bom pároco concluiu assim:

«É bastante difficil o recrutamento sacerdotal.»

Passou-se um ano. Vem aí outubro. Uma manhã, em fins de setembro, Augusto e Felix, os dois inseparáveis, voltam de casa do pároco e entram na officina onde seu pai está entregue ao seu trabalho.

Os dois rapazes não riem e mostram até ter o ar de quem tem alguma coisa séria a comunicar.

«Pai, (diz respeitosa e Augusto), Felix e eu vimos, com a aprovação do senhor Prior, pedir-lhe uma licença.

— Que é que querem?

— Queremos entrar ambos no dia quatro de outubro, para o Seminário, para sermos padres.

Se um raio caísse na occasião na officina, não teria causado maior espanto.

Ficou para ali imóvel uns bons dois minutos a olhar para os filhos. Pelo seu espirito passou repentinamente uma luz que lhe explicou mil coisas: esta camara-dagem... este ardor no trabalho para o contentar e prender... esta obediência que o admirava... estava agora tudo explicado!

«Pois sim! Toca a andar já para o Seminário, abandonem-me a casa porque se os deixo por cá continuar são capazes de me levar também o Jaime para os padres e a vossa irmã Maria para o convento!»

— Muito obrigado, pai, exclamaram os dois irmãos.

E saindo immediatamente da officina diz Augusto ao irmão:

«Vês? Já estou vingado!»

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

Este belo livro do Dr. Luiz Fischer, encontra-se admiravelmente traduzido em português pelo Rev. Dr. Sebastião da Costa Brites.

Envia-se, livre do porte do correio, a quem para esse fim enviar 5\$00 ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima».

ABJURANDO O PROTESTANTISMO E VOLTANDO À VERDADE

Do diário católico «Novidades» temos o prazer de transcrever as seguintes honrosas retratações, já nele transcritas de «O Jornal», do Funchal.

Publicou «O Jornal», do Funchal, com muito aprazimento os documentos que se lêem a seguir, assinados pelos seus próprios autores, o sr. Júlio Viterbo Dias e sua esposa a sr.ª D. Maria E. Viterbo Dias, que depois de haverem durante muitos anos praticado e ensinado o protestantismo naquela diocese, acabam, felizmente, de reconhecer a senda errada que haviam trilhado e voltam à prática do catolicismo.

Nada mais honroso, mais nobre, do que o arrependimento e a retratação depois da culpa. Somente as pessoas de má fé ou escravas de soberba satânica não confessam o erro.

O acto que praticam o sr. Viterbo Dias e sua esposa é sumamente honroso para elles, porque é um acto que reabilita e regenera, e a Igreja Católica, fiel depositária e intérprete do espirito do Evangelho, só pode regozijar-se com este feliz regresso à Casa Paterna de filhos que dela se haviam afastado, talvez levados por meras dúvidas que o tempo, o estudo e a graça de Deus dissiparam.

Sejam bem-vindos e que o seu exemplo frutifique!

RETRACTAÇÃO

Depois duma longa jornada de 17 anos num caminho de erro e de apostasia e após diversas discussões, estudos e conferências particulares com um mui virtuoso e sábio teólogo da Santa Igreja e isto por um período de 11 anos, durante o que percorri diversas seitas, analisando os principios de quasi todas, venho publicamente fazer a retractação de todos os meus erros, abjurando o protestantismo e voltando ao grémio da verdadeira Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lamento que como prégador e escritor tivesse atacado tanto e tão violentamente a Igreja de Deus, tendo mesmo arrastado muitos para o mesmo abismo em que me havia afundado; retracto-me de todos esses ataques dirigidos contra a Igreja tanto pela palavra como pela imprensa, pedindo a Deus sabedoria para que eu possa trazer novamente ao bom redil todos aqueles que, com a minha acção dissolvente, como é o protestantismo, afastei dos braços de Jesus para os da Reforma.

Choro o meu erro, lamento profunda e sinceramente a minha apostasia e por isso peço primeiramente perdão a Deus e publicamente a todos quantos escandalizei com o meu desvio da Verdade e com todos os erros que daí provieram.

Tendo-me Deus dado a sua graça que operou em mim e em minha familia uma conversão verdadeiramente maravilhosa e miraculosa, confesso também publicamente que:

a) creio que a única e verdadeira igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo é a Igreja Católica, Apostólica Romana;

b) creio que a Igreja Católica, tendo como Seu Chefe visível o Papa, é a única verdadeira Igreja fora da qual não há salvação;

c) creio tudo quanto a Santa Igreja ensina e repudia tudo quanto condena. Abandono pois a heresia, absoluta e sinceramente convicto de que a Igreja Católica Apostólica de Roma é a única verdadeira, o que demonstrarei nalgumas obras que darei à estampa, nas quais também narrarei a minha conversão para completo esclarecimento de todos e para honra e glória de Deus e da Santa Igreja.

Em cumprimento de uma promessa feita desejo glorificar também publicamente essa flor do Carmelo Santa Teresinha do Menino Jesus, porque foi a sua influencia na minha alma o que mais correu para a minha sincera conversão, bem como o amor misericordioso da Santissima Virgem que nunca me abandonou mesmo nas noites mais sombrias da minha apostasia.

Muitas almas, incluindo sacerdotes piedosos, oravam sempre pela minha conversão durante este longo periodo de trevas e erro; quero agradecer-lhes comovidamente, pedindo a Deus que recompense o seu sacrificio e o seu amor pela salvação do mais vil pecador que agora volta bastante arrependido à Casa Paterna.

Funchal, 5 de Agosto de 1932.

Júlio Viterbo Dias

Depois de 13 anos num caminho de erro e apostasia e convencida de que a Igreja Católica Apostólica Romana é a única verdadeira fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo, abandono a Igreja Protestante retractando todos os meus erros, voltando arrependida ao seio da Igreja Santa de Deus fora da qual não há salvação.

A Deus a quem ofendi e a todos quantos escandalizei com o meu desvio da Igreja Católica peço humildemente perdão.

Retracto-me também de tudo quanto pela imprensa ou pela palavra fiz contra a Igreja Católica, prometendo trabalhar para que o tempo perdido no erro e na heresia seja recuperado pela penitência e por um trabalho constante em favor da Santa Igreja de Deus.

Creio firmemente tudo quanto ensina a Santa Madre Igreja e rejeito tudo quanto ella condena, crendo sem dúvida alguma que a Igreja Católica é a única verdadeira.

Funchal, 5 de Agosto de 1932.

Maria Espiridia Viterbo Dias

Bons conselhos

Carlos! Deus pode castigar-te!

«No combóio nocturno, de volta da visita ao sogro, a esposa acorda assustada.

— Não me achas muito nervosa, Carlos? Desde que tenho a certeza de termos em breve o segundo filho, que vivo em constante desassociego.

— Não sei para quê. Não será hoje nem amanhã.

— Mas chegará o dia e será preciso decidir se queres baptisar o teu segundo filho ou se o deixas crescer como o primeiro — sem Igreja nem religião.

— Crio meus filhos como me convém — foi a condição do nosso casamento!

— Então, será possível? não baptisar tam pouco esta criança? Não estás vendo que soffro com isto? Não suporto a educação pagá.

— Tolices! Não acabarás de tomar juizo?

— Carlos, não blasfemes! Deus pode castigar-te.

— Ora, Zuleika, sempre a mesma lenga-lenga! Pois, que o teu Deus me venha castigar e converter!

Horrorizada, a esposa deita a mão à boca do marido blasfemador. Nisto o combóio vai entrando na estação da Capital. Recebe-os um velho criado pálido, de lábios trémulos, sem poder proferir uma palavra.

— Que há?

— Patrão, seu filho...

— Pelo amor de Deus, João, que há com meu filho? Interrompe a senhora.

— Há cerca de meia hora a ama tinha saído do quarto, um momento só, o Carlinhos trepou a uma cadeira, a janela estava aberta...

D. Zuleika solta um grito, chamando a atenção dos passageiros.

— Caiu da janela à rua?

— Sim, senhor; o médico ainda está com elle.

— O automóvel leva-os, num instantes, ao palacete. D. Zuleika voou para o quarto do filhinho. O médico embargava-lhe o passo:

— Desculpe, minha senhora, por ora não a posso deixar entrar.

Ela cambaleia e cai sem sentidos nos braços do doutor.

O pai, penetrando no recinto, vai à caminha do pequenino e não o encontra. Mas sobre o divan jaz alguma coisa, coberta com um lençol. Aproxima-se, estende o braço para afastar o pano. Vacila um momento — suspende — e cai de joelhos ao pé do cadáverzinho do primogénito, balbuciando com a lingua em convulsão: — «Deus! Meu Deus!»

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

AVISO

Passando no dia 13 de Outubro o décimo quinto ano depois da última Aparição de Nossa Senhora na Fátima, como agradecimento a tantos benefícios concedidos, manda Sua Ex.^{ta} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria que além dos actos ordinários da peregrinação haja uma solene procissão com o Santíssimo Sacramento, precedida de Missa às 9,30 horas.

Leiria, 13 de Setembro de 1932.

TRISTE RESULTADO DE UMA MENTIRA

Cecília tinha o defeito de falar muito e de nem sempre dizer a verdade. Ao contrário, a irmã mais nova, a Julieta não a imitava e era uma pequena muito ajuizada e discreta.

Um dia, as duas irmãs foram com os seus pais jantar a casa de uns amigos íntimos.

Foi um jantar pouco alegre porque os donos da casa tinham os seus negócios muito embrulhados.

Quando se levantaram da mesa, Cecília, a irmã e a filha dos donos da casa foram brincar para a sala enquanto os pais conversavam. As 10 horas retiraram-se os convidados.

No dia seguinte estavam Cecília e a irmã a conversar na sala quando apareceu à porta uma senhora muito amiga da mãe das pequenas.

A senhora entrou na sala e depois de beijar as meninas, disse que sabia que a sua amiga tinha saído com pouca demora e que esperaria por ela.

Esta senhora tinha também os seus defeitos.

Era tão faladora como Cecília, invejosa e pouco benévola.

Cecília pensou logo que poderia entrar a sua amiga contando-lhe o que se tinha passado no dia antecedente.

— Estou admirada! — exclamou a senhora, a quem parecia interessar muito o que a pequena dizia. — Então esses senhores dão agora jantares?...

Cecília que não gostava de D. Maria de Mendonça, lembrou-se de a arreliar por lhe parecer que estava contrariada por não ter sido convidada.

— E que jantar, minha senhora!... Expléndido (disse a pequena).

— O quê? um jantar espléndido!... (repetiu D. Maria empalidecendo).

— Se a senhora visse!... que luxo! A mesa estava coberta de cristais e de pratos, de rosas e orquídeas...

E que espléndidas iguarias!... Perús, gelados... Devia ter-lhes custado muito dinheiro!...

— Não acredite no que a Cecília está a dizer, minha senhora (interrompeu Julieta). Não foi nada disso.

— Acredito no que diz a Cecília porque deve ser verdade (respondeu imediatamente D. Maria).

Com que então o Sr. Guimarães oferece aos amigos tantos jantares!... E eram muitos os convidados?

— Estava realmente muita gente. Eu até fiquei admirada de não ver lá a D. Maria...

— Depois do jantar dançou-se porque o Sr. Guimarães não se esqueceu do indispensável jazz band.

Depois foram servidos licores, champagne, etc. Não faltou nada.

— Tudo isso é muito interessante, disse ainda D. Maria vermelha de indignação. Fiz bem em vir aqui hoje.

— Mas não acredite no que diz minha irmã, minha senhora (repetiu Julieta). É para se divertir que ela inventa estas histórias.

— Eu bem sei que a menina gosta de desculpar aqueles que procedem mal (continuou D. Maria).

— Mas (disse Cecília radiante com o

efeito causado pela sua mentira) não percebo porque é que o Sr. Guimarães andou mal dando um jantar...

— O sr. Guimarães é que precisa saber se andou bem ou mal respondeu D. Maria despedindo-se das pequenas.

— Quando a senhora saiu, Cecília deu uma gargalhada e disse à irmã: a D. Maria está furiosa por não ter sido convidada.

Foi bem feito.

— Fazes mal em mentir assim, respondeu Julieta.

— Ora! Fartei-me de rir e não fiz mal a ninguém...

— Fazemos sempre mal quando mentimos e murmuramos, (retorquiu Julieta).

Cecília não suspeitava sequer o tremendo mal que as suas mentiras iriam causar...

O sr. Guimarães devia quarenta contos ao sr. Alves e este, depois de muitos pedidos, tinha-se resolvido a esperar quinze dias, resolução que tinha salvo o comerciante porque devia ganhar num negócio, dentro desse tempo, a quantia necessária.

O sr. Guimarães, que era muito honesto fazia todos os sacrifícios para endireitar a sua vida.

Vivia-se em casa com a maior economia, privava-se de tudo e apenas comprava o que lhe era absolutamente indispensável.

No dia seguinte ao da visita de D. Maria às duas pequenas o senhor Alves entrou na loja de modas do senhor Guimarães e disse:

— O senhor sabe que me deve quarenta contos.

— Mas (respondeu o sr. Guimarães muito admirado) o Sr. Alves tinha-me prometido esperar quinze dias.

— Tinha feito essa promessa mas mudei de opinião.

— Mas eu não posso pagar essa quantia de um dia para o outro!

— Quem tem dinheiro para dar lautos jantares, deve estar em condições de satisfazer os seus compromissos...

— Eu?... Dar lautos jantares!...

— Eu sei tudo. Não tem de que estar admirado. D. Maria de Mendonça, que é minha cunhada, contou-me com todos os pormenores a festa que se realizou em sua casa há três dias. Quem assim faz deve estar pronto a saldar as suas dívidas.

E saiu furioso sem querer atender o sr. Guimarães que se defendia inutilmente.

Dai a instantes a Cecília entrou em casa do sr. Guimarães e vendo a esposa a chorar perguntou-lhe o que tinha.

— Neste mundo há gente muito má, minha filha. Disseram ao sr. Alves mentiras abomináveis a nosso respeito. Disseram-lhe que em lugar de economizarmos para pagar as nossas dívidas, gastávamos o dinheiro em festas, jantares e bailes. Agora exige que paguemos imediatamente os quarenta contos e como não os temos, vai ser declarada a falência e estamos arruinados para sempre.

Que maldade a dessa pessoa que nos caluniou!

Cecília caiu então em si e ouviu tudo com o coração angustiado...

Sem ter a coragem de dizer a verdade à desditosa senhora, saiu sem dizer nada e, quando chegou a casa, foi ter com os pais a quem contou a chorar a falta que tinha cometido, pedindo ao pai para reparar o mal que ela tinha feito.

Depois de a repreender severamente disse-lhe o pai:

— É preciso que repitas ao sr. Alves o que me acabas de dizer. E, não se importando com as lágrimas da filha, levou-a à presença do cunhado da D. Maria, obrigando-a a confessar o que tinha dito.

— O senhor Guimarães continua a ser para mim um homem honesto (disse o sr. Alves depois de ouvir a humilhante confissão). Vou já dizer-lhe que esperarei pelo dinheiro não só quinze dias mas um mês se for preciso, mas a menina tem de que se envergonhar! Por causa das suas mentiras ia arruinando um comerciante honrado...

Cecília ficou tão desgostosa que adoeceu.

A pequena resolveu emendar-se e empregou todos os esforços para isso mas teve de esperar muito tempo para voltar a readquirir a confiança e estima dos seus amigos.

E que, uma mentira descoberta, desacredita quem a disse.

Fátima, o Paraíso na terra e A Pérola de Portugal,

são dois livros sobre Fátima, pelo Sr. Visconde de Montello, que pelo preço de 5\$00 cada um se enviam do Santuário ou da Redacção da «Voz da Fátima», a quem os pedir e enviar a respectiva importância.

São interessantes, principalmente para quem não tem sido assinante da «Voz da Fátima».

Atendam

Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

| | |
|--|--------------------|
| Transporte | 351.107\$09 |
| Papel, comp. e imp. do n.º 119 (70.000 ex).... | 4.020\$00 |
| Franquias, embalagens, transportes... .. | 1.305\$18 |
| Na administração—Leiria... | 167\$50 |
| Total... .. | 356.599\$77 |

Donativos desde 15\$00

P.º Joaquim Matias Simões — Benavila, 64\$50; Maria Queiroga — Évora, 20\$00; Francisco Vicente — Viseu, 35\$00; Maria Rosa Teles — Extremoz, 20\$00; Manuel de Almeida — Lourenço Marques, 50\$00; Maria Luiza — Almadovar, 21\$00; João Lima — Funchal, 50\$00; Maria da Assunção Lopes — Brasil, 15\$00; Maria Amélia Vieira — Porto, 20\$00; P.º António S. Miguel — Pudentes, 102\$00; Alunos do Colégio de Cucujães, 115\$00; P.º António Duarte — Tondela, 15\$00; Florinda da Conceição — Tondela, 65\$00; P.º Luiz de Sousa Rodrigues — Porto, 137\$50; Carmina Calisto — Ilhavo, 15\$00; Joaquim Francisco Veloso, 20\$00; Manuel Victor — Ribaldeira, 20\$00; Maria da Rocha — Odiveias, 25\$00; António J. Martins — Angola, 15\$00; José Gamba — Olhalvo, 15\$00; Elvira Cardoso — Braga, 20\$00; P.º José M.ª da Cruz—Bragança, 100\$00; Joaquina da C. Duarte — Rogel, 116\$50; Alberto Abranches — Lisboa, 20\$00; Manuel Lourenço — Algarve, 15\$00; Sr. Bispo do Funchal, 325\$00; José de Oliveira — Ermida, 15\$00; Maria Alice das Dões — Faro, 60\$00; Cecília Simões — Cuba, 20\$00; José da C. Sampaio — Louzada, 100\$00; P.º Augusto da Silva — Covão de Lobo, 42\$00; João Lage — Porto, 15\$00; Manuel Inácio — Guarda, 20\$00; Viscondessa de S. Gião — T. Novas, 40\$00; Distribuição em Coruche e Salvaterra de Magos, 225\$00; Maria Relvas — Crato, 30\$00; Manuel Godinho — Alvito, 15\$00; José Friães — Vila Nova de Gaia, 15\$00; Esmola de Vila Nova de Gaia, 35\$00; Glória Esquivel — Mourão, 50\$00; Maria R. — Chaves, 20\$00; Margarida de Almeida — Lisboa, 200\$00; Júlio de Almeida — França, 123\$00; Arminda Pereira—Lisboa, 20\$00; Maria da Conceição — Lisboa, 100\$00; Josefina da Conceição Macêdo, 15\$00; Madalena Folgado — Porto, 15\$00; Mário Justino — Maxial, 45\$00; P.º António Calabote — Alcácer do Sal, 25\$00; Manuel da Costa — Brasil, 45\$00; Teresa Berta — Lebução, 20\$00; Maria Sequeira — Sanguinheira, 25\$00; 2 esmolas, 40\$00; Esmola do Brasil, 30\$00; C.º Luiz Carvalheiro — Moncorvo, 20\$00; Aida Florinda — Macau, 36\$75; P.º António Alagaia—Moncarapacho, 75\$75; C.º Manuel Nogueira — Coimbra, 20\$00; C.º Augusto da Trindade — Viseu, 35\$00; C.º João Crisostomo — Guarda, 20\$00; P.º António Carreto — Guarda, 20\$00; P.º João de Matos — Soalheira, 20\$00; Olímpia Sequeira — Alpalhão, 15\$00; P.º Virgílio Pita — Évora, 85\$00; Bernardino Gomes — Negrelos, 15\$00; M.ª I. Batista — Montoita, 20\$00; M.ª L. Malheiro — Vila Flor, 35\$00; Amélia Peixoto — L. da Palmeira, 20\$00; Sofia de Melo — América, 31\$40; Maria Ferreira de Figueiredo — Lisboa, 83\$30; Amélia Val do Rio Henrique — Lisboa, 15\$00.

O MESTRE DA PACIÊNCIA

«Houve em tempos dois esposos, ricos de bens da fortuna, senhores de vastos teres e rodeados de todos os confortos da abundância, mas contundo infelizes, porque as suas indoles eram o mais diversas e mesmo adversas que imaginarse-pode.

Mal entendidos, disputas, dissensões continuas azedavam-lhes todos os dias a vida. A mulher, apesar de jurar cem vezes por dia não dar ensejo a novas desavenças, não tinha mão em si que moderasse o seu génio impetuoso, chorando depois, sempre, amargas lágrimas.

Entre os seus livros, havia um manuscrito, intitulado o Livro de família, do punho de sua avó, contendo um grande número de conselhos, receitas e expedientes para todas as circunstâncias, quer na ordem física, quer na ordem moral. Uma tarde, em que a atribulada dona de casa procurava neste livro, determinada receita, encontrou, escritas à margem estas palavras: — «O melhor remédio contra os desgostos da vida, escondi-o eu na nossa capela, atrás da imagem de Jesus padecente».

Impaciente por saber o que significavam aquelas enigmáticas palavras, a jovem senhora dirigiu-se na manhã seguinte à capela familiar, afastou a imagem chamada «Jesus padecente» e começou a procurar com actividade. Ao cabo de pouco tempo, encontrou um papel em que logo reconheceu a letra de sua avó e no qual se liam estas palavras: — «Sempre que vos encolerisardes, contemplai atentamente esta imagem, durante três minutos, recitai

três Padre Nossos e ir-vos-eis contentes e a paz habitará no vosso coração. É conselho que me deu o meu confessor e há trinta anos que eu fiz a sua feliz experiência. 1794. Ana Semblach.»

—A boa senhora limpou a imagem do Salvador da espessa camada de poeira que a cobria, contemplou-a atentamente e sentiu-se singularmente comovida.

Desse dia em diante seguiu escrupulosamente o conselho de sua avó e todas as vezes que se levantava uma disputa entre ela e o marido retirava-se para a capela e ajoelhando-se diante da imagem do Ecce Homo, contemplava a face do Salvador, tão dolorosa e todavia tão doce e tão calma, e sentia uma serena e suave tranquilidade descer sobre a sua alma e o seu coração tornava-se pacifico e resignado.

Esta singular e completa mudança não passou despercebida ao marido. Sua mulher, que era tão irascível, dum tempera de fogo, tornada de repente tão condescendente, tão amável e resignada, era na verdade singular. Um dia perguntou-lhe, num tom cheio de complacência naturalidade, como conseguira vencer e modificar tão súbita e radicalmente a sua indole exaltada.

—Encontrei um excelente mestre de paciência — respondeu ela com um sorriso.

—Um mestre?! Como um mestre?! —Vais ver. Vem comigo.

E conduziu-o à capela, diante da piedosa imagem do Ecce Homo e mostrou-lhe o bilhete de sua avó, que junto encontrara.

O marido compreendeu a lição. Daí por diante também ele se tornou discípulo do divino Ensinador da paciência. E quando algum acontecimento vinha perturbar a paz da família, não era raro ver os dois esposos ajoelhados ante Jesus padecente.»

Já há poucos exemplares do livro «Fátima a Lourdes Portuguesa» pelo Dr. Luis Fischer.

Quereis ainda obter algum exemplar dêsse interessante livro? fazei já o respectivo pedido e enviad 5\$00 ao Santuário da Fátima, — Vila Nova de Ourém, ou à «Voz da Fátima» — Seminário de Leiria.

E DEPOIS ?

«Como és feliz! — dizia S. Filipe de Nery a um jovem. Estudas direito e, sem dúvida, breve virás doutoramento; em seguida... grandes serão os lucros; serás rico, tornar-te-ás ilustre... Oh! serás feliz!»

Apertando depois contra o peito o jovem que tomara a serio as palavras do Santo, disse-lhe ao ouvido: — «E depois?»

Nunca mais essa palavra saiu do seu ouvido.

Francisco Lazara, reflectiu seriamente, entregou-se ao serviço de Deus e morreu como um justo na Congregação do Oratório.

De mil maneiras nascem as vocações. As vezes, ouve-se a voz inconsistente das cousas: a voz da dor que instrue, da alegria que cansa, do perigo que ameaça ou do mundo que engana.

Em todos os lugares se podem encontrar eleitos de Deus, até mesmo nas casas ou paróquias menos religiosas. Muitas violetas brotam até em terreno pedregoso ou mata espessa.

Lacordaire abandona a advocacia, ordena-se dominicano e vem conferenciar em Notre-Dame de Paris, onde se eleva aos mais altos graus da eloquência cristã.

Ravignan resigna suas funções de advogado e vai esconder seu nome, talentos e fortuna na roupeta de jesuíta.

Schouvaloff, hábil e sábio diplomata, abandona a corte da Rússia e os salões da aristocracia parisiense e vai encerrar-se numa cela barnabita.

Este depois é que converteu Francisco Xavier, laureado estudante da universidade de Paris naquele grande santo e apóstolo que mais tarde foi.

E tu jovem amável que sentes em teu coração outras palpitações que as do egoísmo... pensa.

— Não desejas seguir o Mestre mais de perto? Vem, e junto de um Sacrário poderás dizer aos que te rodeiam:

— Não terei esses prazeres que vos transportam; mas, também essa vaga inquietude e essas esperanças desfeitas que vos acompanham não me afligirão mais.

Não verei mais o brilho das festas nem a pompa das praças; mas, essas intrigas vis, e essas invejas baixas não me farão entristecer jamais.

O mundo que me seduziu, a glória que encheu o meu coração não me agitarão mais; mas, um outro amor que não o passageiro, uma outra glória que não a que tanto choro e sangue custa, encherão minha alma, dar-me-ão nova vida.

Visão pavorosa

Segundo informações colhidas nos livros de registo dos presos, só nos últimos dez anos, passaram pela Cadeia da Relação, do Porto, nada menos de 6.427 mães, assassinas dos próprios filhos.

É pavoroso! 6.427 filicidas, e isso só na região do Porto! Estenda-se o pensamento por esse país além, avalie-se o número de mães desnaturaladas, que logram ocultar o seu crime e avalie-se que tragica visão, se não desentrola aos nossos olhos!

Ora este mar de crimes e de sensualismo necessita de um contrapêso de pureza, de amor e de imolações voluntárias.

E ai do mundo se elas não existissem!

TESTEMUNHOS AUTORIZADOS

Quando rezais não sentis o vosso coração mais aliviado e a vossa alma mais contente? A oração torna a aflição menos dolorosa e a alegria mais pura: a uma mistura um não sei quê de fortificante, de doce, e a outra um perfume celeste. Que fazeis no mundo? E não tendes nada a pedir Aquele que vos criou? Sois um viajante que procura a pátria.

Não caminheis de cabeça baixa; é preciso levantar os olhos para reconhecer o caminho. A vossa pátria é o Céu; e quando contemplais o Céu, dentro de vós não se agita nada? Nenhum desejo vos constrange? Ou este desejo é mudo? Alguns dizem: «Para que serve rezar? Deus está muito acima de nós para ouvir criaturas tão miseráveis?» E quem criou estas criaturas miseráveis? Quem lhes deu o sentimento, o pensamento, a palavra, se não Deus? E se Ele foi tão bom para com elas, seria para depois os desamparar e repellar para longe de Si? Em verdade vos digo, quem pensa no seu coração que Deus despreza as suas obras, blasfema Deus.

Ha outras que dizem: «Para que serve rezar? Deus não sabe melhor do que nós aquilo que carece-mos?» Deus sabe melhor do que vós do que careceis, e é por isso que Ele quer que lho pegamos; porque Deus é por excelência a vossa primeira necessidade, e pedir a Deus é principiar a possuir a Deus. O Pai conhece as necessidades do seu filho; e por causa disto o filho não deve nunca ter uma palavra de súplica e de agradecimento para seu pai?

Quando os animais sofrem, quando sentem temor, quando sentem fome, soltam gritos queixosos; estes gritos são a oração que eles dirigem a Deus, e Deus ouve-os. Havia de ser o homem, na criação, o único ser cuja voz nunca devesse subir aos ouvidos do Criador? As vezes passa nos campos um vento que seca as plantas, e então veem-se as astes murchas inclinadas para a terra; mas humedecidas pelo orvalho retomam a frescura e levantam a cabeça abatida.

Há sempre ventos abrasadores que passam sobre a alma do homem e a secam. A oração é o orvalho que refresca.

Lamenais

VOZ DA FATIMA

Preço da assinatura por ano

| | |
|--------------------------|--------|
| Continente e ilhas... .. | 10\$00 |
| Estrangeiro | 15\$00 |

Não se faz a cobrança pelo correio, e por isso a importância dos assinantes deve ser entregue nos dias 13 na Fátima, ou enviada a esta administração em vale ou carta.

A cruz formamo-la nós, atravessando a nossa vontade à de Deus, que é sempre uma linha recta. Se a nossa vontade caminha paralela à de Deus nunca formará uma cruz porque duas paralelas jamais se cruzam.

(Paula Frassinetti)